

Daniel Cefai, Fábio Reis Mota,
Felipe Berocan Veiga e Marco Antonio da Silva Mello
(Organizadores)

ARENAS PÚBLICAS:
por uma etnografia da vida associativa



Editora da UFF

Niterói, RJ
2011

© 2011 by Daniel Cefai, Fábio Reis Mota, Felipe Berocan Veiga, Marco Antonio da Silva Mello (Organizadores).

Direitos desta edição reservados à EdUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense Rua Miguel de Frias, 9 - anexo - sobreloja - Icaraí - Niterói, RJ - Brasil - CEP 24220-900 - Tel.: (21) 2629-5287 - Telefax (21) 2629-5288 - <http://www.editora.uff.br> - E-mail: secretaria@editora.uff.br

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Normalização: Caroline Brito

Edição de texto e revisão de provas: Rosely Campelo Barrôco

Projeto gráfico: José Luiz Stalleiken Martins

Edição eletrônica, diagramação e supervisão gráfica: Káthia M. P. Macedo

Catálogo na Publicação - (CIP)

C389 Cefai, Daniel; Mota, Fábio Reis; Veiga, Felipe Berocan; Mello, Marco Antonio da Silva.

Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa/Daniel Cefai, Fábio Reis Mota, Felipe Berocan Veiga, Marco Antonio da Silva Mello (Organizadores). Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011.

514p. ; il. 21cm. – (Coleção Antropologia e Ciência Política; 51)

Inclui bibliografias.

ISBN 978-85-228-0609-6

1. Antropologia. 2. Associações. I. Título. II. Série.

CDD 307.72

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Roberto de Souza Salles

Vice-Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação: Antonio Claudio Lucas de Nóbrega

Diretor da EdUFF: Mauro Romero Leal Passos

Diretor da Divisão de Editoração e Produção: Ricardo Borges

Diretora da Divisão de Desenvolvimento e Mercado: Luciene P. de Moraes

Assessora de Comunicação e Eventos: Ana Paula Campos

Comissão Editorial

Presidente: Mauro Romero Leal Passos

Ana Maria Martensen Roland Kaleff

Gizlene Neder

Heraldo Silva da Costa Mattos

Humberto Fernandes Machado

Juarez Duayer

Livia Reis

Luiz Sérgio de Oliveira

Marco Antonio Sloboda Cortez

Renato de Souza Bravo

Silvia Maria Baeta Cavalcanti

Tania de Vasconcellos

Editora filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Editora da UFF

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

ARENAS PÚBLICAS: POR UMA ETNOGRAFIA DA VIDA ASSOCIATIVA	9
<i>Daniel Cefai, Felipe Berocan Veiga, Fábio Reis Mota</i>	

MOBILIZAÇÕES URBANAS: ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

COMO UMA ASSOCIAÇÃO NASCE PARA O PÚBLICO: VÍNCULOS LOCAIS E ARENA PÚBLICA EM TORNO DA ASSOCIAÇÃO LA BELLEVILLEUSE EM PARIS	67
<i>Daniel Cefai</i>	

“EM NOME DA COMUNIDADE”: O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES NO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DE UMA POLÍTICA URBANA EM ACARI – RIO DE JANEIRO	105
<i>Letícia de Luna Freire</i>	

ENGAJAMENTO POLÍTICO E MOBILIZAÇÃO COLETIVA EM NOVA IGUAÇU – RJ: BASTIDORES DAS ARENAS PÚBLICAS NAS CONFERÊNCIAS DAS CIDADES.....	135
<i>Jussara Freire</i>	

ENTRE “COMUNIDADE” E “PÚBLICO”: SEGUINDO O CURSO DE AÇÃO DE UM CONFLITO DE URBANIDADE EM CARACAS, VENEZUELA	173
<i>Pedro José García Sanchez</i>	

ASSOCIATIVISMO: LAÇOS VOLUNTÁRIOS OU COMPULSÓRIOS?

QUANDO AS ASSOCIAÇÕES SÃO VOLUNTÁRIAS NO BRASIL? UMA DISCUSSÃO SOBRE NOVAS FORMAS DE COLONIALIZAÇÃO EM RESERVAS EXTRATIVISTAS.....	199
<i>Ronaldo Lobão</i>	

QUANTO CUSTA SER QUILOMBOLA NO BRASIL?:
MOBILIZAÇÕES COLETIVAS E ASSOCIATIVISMO
NO BRASIL CONTEMPORÂNEO 239

Fábio Reis Mota

SOFRIMENTO E DEMANDA SOCIAL: UMA POLÍTICA
MUNICIPAL DE SEGURANÇA PÚBLICA EM NITERÓI – RJ

Kátia Sento Sé Mello

OS “VIZINHOS” E OS “DE FORA”: O PROCESSO
DE DEFINIÇÃO DE UMA “COMUNIDADE”
EM BUENOS AIRES, ARGENTINA

Lucía Eilbaum

O DEVER DE CIDADANIA: POLÍTICAS PÚBLICAS
DE PLANEJAMENTO URBANO E PARTICIPAÇÃO
POPULAR NO BRASIL

Alex Varella

ASSOCIAR-SE: REIVINDICAR DIREITOS
ÍNDIOS DE PAPEL: ETNICIDADE E ASSOCIATIVISMO
FRENTE A GRANDES PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO
NO ESPÍRITO SANTO

Felipe Berocan Veiga

DA ASSOCIAÇÃO AO SINDICATO: UMA ETNOGRAFIA
DO ACESSO AO DIREITO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS
DO RIO DE JANEIRO

Dominique Vidal

O DIREITO AO LUGAR: UMA TRAJETÓRIA DOS PROCESSOS
DE MOBILIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DAS ARENAS
PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE ITACARÉ – BA

Patrícia de Araújo Brandão Couto

“SEM VERGONHA, GAROTA: VOCÊ TEM PROFISSÃO”:
NOTAS SOBRE A PROFISSIONALIZAÇÃO
DE UM MÉTIER NO BRASIL

Soraya Silveira Simões

POSFÁCIO

ISAAC JOSEPH: DIÁRIO DE BORDO, PERCURSOS,
EXPERIÊNCIAS URBANAS E IMPRESSÕES DE PESQUISA

*Marco Antonio da Silva Mello, Licia do Prado Valladares,
Roberto Kant de Lima, Felipe Berocan Veiga*

POSFÁCIO

ISAAC JOSEPH: DIÁRIO DE BORDO, PERCURSOS, EXPERIÊNCIAS URBANAS E IMPRESSÕES DE PESQUISA

Marco Antonio Mello,¹ Roberto Kant de Lima,²
Licia do Prado Valladares,³ Felipe Berocan Veiga⁴

Ao longo de 16 anos, de 1988 a 2004, Isaac Joseph visitou cinco vezes o Brasil.⁵ Aqui permanecendo por muitas semanas e percorrendo numerosas regiões de extensão continental, teceu profundas relações com seus colegas e estudantes e desenvolveu com seus amigos brasileiros uma rede de trocas acadêmicas e de pesquisa.

São essas interações que abordaremos, apoiados sobre testemunhos de pesquisadores e estudantes brasileiros. E o faremos oferecendo ao leitor uma apreensão de conjunto dessas interações acadêmicas distribuídas e organizadas em quatro momentos: a descoberta do Brasil e a constituição de uma primeira rede de amizades; a cooperação universitária por meio do programa Capes-Cofecub; o trabalho de *expertise* como consultor; por fim, a consolidação das amizades e o engajamento com os estudantes *sur place*, ou seja, *no campo*.

¹ Professor do Departamento de Antropologia da UFF e UFRJ. Coordenador do LEMETRO e Pesquisador do INEAC/UFF.

² Professor da UFF e Coordenador do INEAC/UFF.

³ Professor da Université CILLE 1.

⁴ Doutorando do PPGA/UFF. Pesquisador LEMETRO UFRJ e INEAC/UFF.

⁵ Uma versão desse texto foi originalmente publicada em Francês, com o título “Si Tu Vas a Rio! L’expérience brésilienne d’Isaac Joseph” In: CEFAÏ, D.; SATURNO, C. (Ed.). *Itinéraires d’un pragmatiste: autour d’Isaac Joseph*. Paris: Economica, 2007. p. 235-259.

1 O estrangeiro descobrindo o Brasil

A primeira viagem de Isaac Joseph ao Brasil remonta a 1988, por ocasião da conferência “*Urban Restructuring: Trends and Challenges*”, organizada pelo comitê de pesquisa 21, “*Urban and Regional Development*”, da Associação Internacional de Sociologia. Acolhida pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – IUPERJ e coordenada conjuntamente por Edmond Préteceille e Licia Valladares, o colóquio teve lugar no Rio de Janeiro. Isaac Joseph havia sido convidado para participar de uma sessão sobre a violência urbana e a fazer, além disso, palestras e conferências em outras instituições de ensino e de pesquisa.

Parece que essa primeira experiência foi determinante para a continuidade de uma promissora história das relações entre o sociólogo e o Brasil: de saída, uma forte cumplicidade se estabeleceu com alguns colegas brasileiros, início de uma aventura apenas em seus começos. Desde essa primeira visita, a cidade do Rio de Janeiro, seus moradores e tipos populares deixaram uma forte impressão sobre Isaac Joseph. As cores, os contrastes no espaço social e no espaço público, a pobreza, a alegria, os corpos se esbarrando, a juventude da população. Ele queria ver tudo e tudo saber. Observador atento e refinado, um acaso feliz lhe permitiu entrar em contato com “os bastidores”, o que todo antropólogo desejaria encontrar durante suas pesquisas.

Por ocasião do colóquio e das discussões sobre a violência urbana, um dos participantes apresentou seu trabalho sobre a polícia brasileira – a partir de uma rica etnografia que vinha de analisar em sua tese de doutorado em Harvard. Era Roberto Kant de Lima, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ao fim dos debates, Kant, em resposta às objeções não pertinentes que lhe foram dirigidas, convidou alguns colegas para uma inabitual visita a uma delegacia de polícia que se encontrava nas proximidades, justamente ao lado do prédio da sala de conferências, como maneira de dissipar as dúvidas que tinham sido levantadas, em lugar de se perder em réplicas enfadonhas em torno de argumentos dissociados da dimensão empírica, oferecendo a todos uma oportunidade imperdível de colocar em prática aquilo que acabava de ser apresentado. Animado pela provocação do convite, Isaac Joseph era um daqueles que partiram para a delegacia, onde evidentemente o delegado não se encontrava. Apesar de uma certa resistência do policial de plantão, o grupo foi admitido e todos

pueram ver os procedimentos e as condições materiais de detenção dos delinquentes: a cadeia e as celas da delegacia.

Esse primeiro contato tinha sensibilizado Isaac Joseph. O sociólogo e o antropólogo se engajaram a partir de então numa animada conversa, o que levou Roberto Kant a convidar seu colega a passar um final de semana do outro lado da baía de Guanabara, em Niterói. A cidade é a porta de entrada de uma região lacustre, onde estão algumas das praias mais procuradas pelas classes médias e abastadas do Rio. Na praia de Itaipu, Kant apresentou Isaac Joseph aos pescadores que tinham sido objeto de uma etnografia realizada nos anos 1970. Ele encontrou também nessa ocasião Marco Antonio da Silva Mello, antropólogo que tinha conhecido anteriormente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Este também tornar-se-ia um amigo e passaria, anos mais tarde, um período acadêmico e de pesquisa na França, realizando então trabalho de campo sobre o bairro parisiense de Belleville.

Naquela época, Isaac Joseph era ainda *lyonnais*, mas já trabalhava em colaboração com a RATP. Seus trabalhos sobre o metrô parisiense já evocavam então seu interesse pelo espaço público, sobre a incivilidade. Evidentemente, estas foram também questões da Escola de Chicago, de Park e Simmel a Goffman e Becker. Nas suas malas, havia trazido um vídeo sobre o metrô de Paris e seu livro sobre a Escola de Chicago, escrito e organizado em parceria com seu colega Yves Grafmeyer.⁶

2 Isaac Joseph e a cooperação internacional

Essa primeira viagem inaugurou as seguintes. Os primeiros laços pessoais e profissionais com um grupo de pesquisadores brasileiros acabaram por levar, alguns anos mais tarde, a uma colaboração sistemática e enriquecedora para as duas partes envolvidas. É nesse quadro mais formal que as relações entre Isaac Joseph e o Brasil foram oficialmente desenvolvidas.

Um dispositivo institucional tornou possíveis tais intercâmbios: os acordos interuniversitários Capes-Cofecub entre o Brasil e a França, visando estimular a formação e as trocas acadêmicas em torno de problemáticas comuns em vários domínios científicos.

Sob a sugestão inicial de Roberto Kant de Lima, que via em Isaac Joseph um parceiro potencial, intelectualmente estimulante, e que também via numa cooperação internacional a possibilidade de

⁶ Grafmeyer; Joseph (1984).

consolidar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF (PPGA/ICHF-UFF), um acordo intitulado *Espaço público, conflitos e democracia numa perspectiva comparada* foi estabelecido entre a Universidade de Paris X-Nanterre, a UFF e o IUPERJ.

A partir de 1998, missões de curta e longa duração foram estabelecidas nos dois sentidos entre os dois países, almejando a construção de uma relação acadêmica sólida em torno de Isaac Joseph que, embora não fosse o único, era sem dúvida o personagem central do acordo. Por seu turno, Daniel Cefai, colega de Isaac Joseph em Nanterre, tinha coordenado de 1997 a 1999 um programa de intercâmbio com Vera da Silva Telles, Maria Célia Paoli e Cibele Risek, da Universidade de São Paulo (USP), conduzindo assim a vertente *paulista* da rede.

Na sequência, Isaac Joseph, como professor titular e chefe do *Département de Sociologie* da Universidade de Paris X, veio ao Brasil em 1998, no quadro do acordo que acabava de ser inaugurado, retornando em 1999, para uma temporada no Rio com Martine Segalen, que o havia sucedido na direção do referido departamento. Mas ele vai também a Salvador na Bahia e participa do seminário internacional sobre poder local organizado por Tania Fisher, diretora do *Programa de Desenvolvimento e Gestão Social*. Nessa oportunidade, apresenta a comunicação “Gare du Nord – Interconnections et Réseaux”. Depois retornaria a Salvador em 2000 e 2001, convidada por Anete Leal Ivo, diretora do Centro de Recursos Humanos (CRH) da Universidade Federal da Bahia.

Tais viagens ofereceram a oportunidade de Isaac Joseph aprofundar as relações com os membros do programa de cooperação interuniversitária, encontrar os estudantes brasileiros, ampliar os laços com a comunidade de pesquisadores e difundir, assim, suas ideias no Brasil.

No Rio de Janeiro, faz conferências não somente na UFF, mas também no IUPERJ-UCAM, assim como em dois outros importantes institutos de ensino e pesquisa da UFRJ: o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) e o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR).

Entretanto, sua estreia diante da comunidade acadêmica de cientistas sociais brasileiros se deu por ocasião de sua participação numa mesa-redonda organizada em torno do tema “A Escola de Chicago, seu impacto no Brasil e na França” no 23º congresso anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (AN-

POCS), a mais importante reunião do gênero não somente no Brasil, mas em toda América Latina. Num concorrido auditório, diante de mais de 300 pesquisadores ali reunidos, Isaac Joseph apresentou sua original leitura da contribuição de Chicago para o campo das teorias sociais e da pesquisa sociológica propriamente dita, ao lado de Licia Valladares, Gilberto Velho, Juarez Brandão Lopes e Mario Eufrasio.

O interesse despertado entre seus colegas sociólogos e antropólogos abriu-lhe as portas das editoras universitárias e organismos de financiamento para as primeiras publicações de seus trabalhos traduzidos no Brasil. Em 2000, seu livro *Erving Goffman e a Microsociologia* é traduzido para o português. Na ocasião, concede uma longa entrevista à *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais* sobre a Escola de Chicago e sua recepção na França.⁷ Entre as suas publicações no Brasil estão três outros títulos: *Gabriel Tarde: le monde comme féerie* (belo texto de introdução à obra de Tarde);⁸ *Paisagens urbanas, coisas públicas* (artigo resultado de um trabalho técnico de consultoria sobre os espaços públicos e a disponibilidade dos serviços);⁹ e *A respeito do bom uso da Escola de Chicago* (capítulo originalmente escrito para referida coletânea conjuntamente organizada com Yves Grafmeyer).¹⁰

Isaac Joseph desempenhou mais do que um simples papel de interlocutor: abriu as portas para numerosos pesquisadores brasileiros, como um verdadeiro construtor de redes de amizades; mostrou-nos seus campos de pesquisa e apresentou aos seus colegas do Departamento de Sociologia de Paris X-Nanterre, do IPRAUS-CNRS, do GSPM-EHESS, do LAMES-MMSH e da RATP. Frequentemente abriu sua agenda e caderno de endereços para ajudar os colegas a estabelecer contatos com outros pesquisadores franceses os quais não necessariamente trabalhavam nas instituições ou sobre os temas de pesquisa aos quais ele estava diretamente vinculado.

Mas, sem nenhuma dúvida, foi o colóquio em Cerisy-la-Salle (junho de 1999), sobre o tema “Culturas cívicas e democracias urbanas”, o evento catalisador para os brasileiros. Organizado por Isaac Joseph e Daniel Cefaï, esse colóquio era o coroamento dos dois acordos com o Brasil que, do lado francês, cada um deles coordenava. Os

⁷ Valladares; Kant de Lima (2000).

⁸ Joseph (2000).

⁹ Ibidem (2000).

¹⁰ Joseph (2004).

organizadores almejavam debater as relações entre espaço público urbano, política urbana e ação coletiva e tinham convidado, além de brasileiros e franceses, toda uma rede de pesquisadores de diferentes países, entre os quais norte-americanos, colombianos, mexicanos, venezuelanos, italianos etc. Para os brasileiros, a ocasião era uma espécie de gesto de amizade, sob a forma gentil de contra-dom, em retribuição ao acolhimento que ambos receberam no Brasil. O tema do colóquio – o devir urbano do político, o devir urbano da democracia, a constituição pluralista do público – estava no centro das preocupações de muitos dos participanetes brasileiros. Esses eram numerosos: seis professores da UFF, um da UFRJ, dois da UFBA e quatro da USP.

A publicação do livro resultado do colóquio, *L'Héritage du pragmatisme: Conflits d'urbanité et épreuves de civisme*,¹¹ testemunha a amizade intelectual concedida pelos editores a seus parceiros brasileiros. Os esforços de Isaac Joseph para difundir os trabalhos dos brasileiros aparecem também em muitos números dos *Annales de la recherche urbaine* e da revista *Communications*. Convidando-os sistematicamente para integrarem bancas de tese, intervirem em seminários, participarem de colóquios e proferirem conferências, expressava de modo inequívoco a admiração e o respeito intelectual que dedicava aos seus colegas brasileiros, integrando-os condignamente à vida acadêmica de seu país.

No quadro do Acordo Capes-Cofecub, muitos professores-pesquisadores da UFF puderam desfrutar de períodos de trabalho na França, como Roberto Kant de Lima, Marco Antonio Mello, Laura Graziela Gomes, Delma Pessanha Neves, Simoni Lahud Guedes e Ari de Abreu Silva. Um certo número de franceses desse e de outros acordos de cooperação internacional estreitaram laços ou mesmo viajaram ao Brasil em diferentes momentos para apresentar seminários e conferências: Martine Segalen, Daniel Cefaï, Dominique Vidal, Michèle Jolé, Roselyne de Villanova, Marc Breviglieri, por exemplo. E numerosos estudantes de doutorado, na condição de bolsistas-sanduíche da CAPES, puderam fazer seus estudos na Université de Paris X e na École des Hautes Études de Sciences Sociales: Vicente Riccio, Vânia Morales Sierra, Renata Luzia Feital de Oliveira, João Roberto Lopes Pinto, Maria Guiomar da Cunha Frota, do IUPERJ; Alexandre Werneck, da UFRJ; e, finalmente, Patrícia de Araújo Brandão Couto,

¹¹ Cefaï; Joseph (2002).

Kátia Santo Sé Mello, Soraya Silveira Simões, Fábio Reis Mota e Letícia de Luna Freire, da UFF.

O Acordo CAPES-Cofecub foi renovado em 2003 em torno de um novo projeto, intitulado “Sociologia da experiência privada e pública no Brasil e na França. A república no cotidiano: conflitos sociais, engajamentos associativos e provas pessoais”, reunindo, além de I. Joseph, R. Kant, M. Mello et D. Cefai, pesquisadores como Marc Breviglieri, Dominique Vidal, Pedro José García Sánchez, Laurent Thévenot e Luis Antônio Machado da Silva, entre outros. A pesquisa, que se debruçava sobre as dinâmicas do engajamento coletivo, as formas de justificação pública e os dispositivos da ação pública, era confrontada com as provas de uma sociologia da experiência cotidiana, dos sentimentos morais e dos direitos ordinários; numa palavra, uma microsociologia aplicada às pesquisas conduzidas por professores e estudantes do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (NUFEP/ ICHF-UFF) e do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/ IFCS-UFRJ).

Por ocasião de sua última estada no Rio, em agosto de 2001, Isaac Joseph havia passado numerosas jornadas nas universidades, no NUFEP e no LeMetro, ouvindo com atenção os estudantes de Roberto Kant e de Marco Mello, discutindo seus temas de pesquisa e respectivas etnografias. Além disso, havia passado diversas tardes e *soirées* em suas companhias: fosse Arraial do Cabo, uma antiga aldeia de pescadores a poucas horas do Rio, com Ronaldo Lobão, evocando as questões ambientais; ou com Paulo Thiago de Mello nos botequims, esses *bistrots* cariocas que tinham sido objeto de seu trabalho de campo; ou Soraya Simões que lhe tinha feito descobrir os bairros da prostituição na Vila Mimosa, nos quais ela desenvolvera seu trabalho de etnografia; ou na companhia de Felipe Berocan, frequentando a Lapa e a Feira de São Cristóvão, ambiências urbanas concorridas da cidade; ou com Mello no bairro do Catumbi e no Mercado de Madureira, seus temas de pesquisa urbana desde a década de 1970; ou, ainda, com Roberto Kant e Ricardo Maciel visitando Itaipu, um povoado de pescadores, discutindo um projeto de reserva extrativista marinha.

3. Isaac Joseph, *expert* em “coisa pública”

As visitas de trabalho se multiplicaram mas Isaac Joseph ainda não havia escrito sobre o Brasil. A oportunidade, no entanto, lhe foi oferecida entre julho e agosto de 2001, por ocasião de sua última

visita ao país. Por iniciativa de Carlos Vainer, pesquisador do IPPUR, Isaac Joseph foi convidado para uma consultoria técnica a propósito do espaço público de Belém do Pará, no quadro do programa de democracia participativa lançado pela prefeitura, então dirigida por um ex-estudante do IPPUR filiado ao Partido dos Trabalhadores. Esse texto, *Belém: paysage urbain, chose publique*, escrito em colaboração de Carole Saturno, veio a ser mais tarde traduzido e publicado em português.¹²

Isaac Joseph somente aceitou essa missão depois de ter visitado o Brasil inúmeras vezes: aprendera a decodificar os usos da praia ou aqueles da polícia, estava a par dos problemas de proteção e manejo ambiental, do funcionamento dos serviços públicos e havia lido atentamente os trabalhos dos pesquisadores brasileiros. A missão conduzida conjuntamente com Carlos Vainer tinha por objetivo explorar as possibilidades de uma contribuição sociológica ao trabalho deflagrado pela Prefeitura de Belém no quadro de sua política de gestão municipal democrática sobre diferentes espaços públicos da cidade: o *Mercado Ver-o-Peso*, o maior mercado de pescado da América Latina, instalado em prédio construído na cidade amazônica, nos áureos tempos da riqueza ligada à exploração da borracha, e a antiga zona portuária, hoje convertida em centro comercial chique, a *Estação das Docas* (localmente chamado de “estação dondocas”).

Pela primeira vez, essa missão de “pesquisa-ação” tinha permitido a Isaac Joseph encontrar-se com os políticos locais brasileiros (prefeitos, secretariado, vereadores) e os responsáveis pelo planejamento urbano e pela estruturação das áreas públicas. Recebido pelo prefeito, ele pôde avaliar as ambições da democracia participativa à brasileira, sendo Belém uma das cidades-piloto em matéria de *orçamento participativo*. Cada projeto era discutido localmente nos bairros. Assim, se colocava a questão: como reabilitar o mercado – um bem tombado pelo patrimônio –, associando os habitantes da cidade, muitos dos quais, nos bairros desfavorecidos à beira-rio (as *baixadas*), não possuíam sequer água encanada disponível? Nesse mesmo sentido: como reabilitar as antigas docas para permitir o acesso de um número maior de pessoas? Seria a construção de um centro comercial chique, protegido por grades, de costas para a cidade e para as suas realidades, a melhor maneira de restituir a cidade aos seus usuários?

¹² Joseph (2004). O artigo é precedido de apresentação, escrita por Carlos Vainer, p. 33-39.

Diante dessas contradições, Isaac Joseph colocava a questão da acessibilidade, da fronteira público/privado, da construção social da paisagem, dos usos e da hospitalidade. Tinha esquadrinhado as ruelas do mercado, das primeiras horas do dia ao pôr-do-sol tão espetacular sobre o rio. As águas piscosas do rio ofereciam alguns dos raros recursos econômicos para uma grande cidade ainda pobre. No cais, os caminhões frigoríficos com destinação ao centro-sul do País aguardavam a carga de toneladas de peixes, ali mesmo lavados e enxaguados nas ruas do centro da cidade. À tarde, quando o mercado se esvazia, o bairro passa a ter sua reputação mal-afamada. É a hora da chuva, cotidiana. Mais tarde ainda, um terraço que avança sobre o rio, versão popular do bairro das docas, revisto e corrigido, permite aos namorados e famílias em alvoroço contemplar o mergulho do sol nas águas do rio. A animação se desloca para as *baixadas*, a noite se estende até a madrugada ao som do *brega* e ao ritmo das cervejas.

Com esse trabalho de campo, Isaac Joseph pode colocar em prática algumas de suas ideias e competências, sua capacidade de observação e de análise, reunindo um toque de reflexão comparativa internacional. A leitura do texto nos ensina que mesmo em seu papel de expert ou de consultor, ele permanece crítico, numa postura de pesquisador independente e observador atento.

4 *Journal de voyage*: percursos e impressões de Isaac Joseph no Rio de Janeiro e Niterói

Com boa disposição e grande interesse pelo cotidiano das cidades, Isaac Joseph passou a visitar os lugares em que seus colegas realizavam suas pesquisas. Essas idas a campo na companhia dos estudantes tornaram-se, ao longo dos anos, atividades regulares em suas viagens ao Brasil, aonde encontrou um ambiente acolhedor que o deixava bastante à vontade, fazendo do trabalho acadêmico uma atividade prazerosa, como deixava transparecer sua expressão de contentamento. Mostrava-se admirado com a diversidade de temas e campos empíricos aos quais se dedicavam seus colegas, como testemunham as notas de campo e registros desses encontros, deixando entrever os ambientes, os cenários urbanos, as observações e o teor das boas conversas mantidas.

O Mercado de Madureira

Na Zona Norte da cidade, região quase nunca frequentada por estrangeiros de passagem pelo Rio, situa-se o popular *Mercadão* de Madureira, lugar inusitado que Isaac Joseph conheceu na companhia de Mello, em 1998. Reputado orgulhosamente por seus lojistas como “o metro quadrado comercial mais caro do Rio”, o *Mercadão* é uma espécie de centro de peregrinação do chamado “povo-de-santo”, como são conhecidos os adeptos das religiões afro-brasileiras. Nele são feitas as compras piedosas dos requisitos necessários e incontornáveis para a realização dos rituais que constituem a complexa e requintada liturgia dos candomblés, cujas casas de culto encontram-se difundidas por toda a região metropolitana.

Esse importante mercado tinha sido, alguns anos antes, objeto de uma pesquisa realizada por Mello, Arno Vogel e José Flávio Pessoa de Barros. Embora conhecesse *Galinha d’Angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*,¹³ livro que resultara em grande parte daquele empreendimento etnográfico, não se poderia dizer que a temática da religião entusiasmasse Isaac Joseph. No entanto, interessado na cidade e em suas centralidades deslocadas, aceitara o convite para visitar o *terrain* de seu colega.

Incerto quanto à escolha do lugar para esta que seria sua primeira saída pela cidade na companhia do amigo, inicialmente chegou a imaginar que seu convidado pudesse sentir-se desconfortável ou pouco interessado; mas, natural do Cairo e morando em Belleville, próximo ao Faubourg du Temple, esse mundo não só não lhe era estranho como particularmente o atraía. Para surpresa do colega, Isaac se movia com absoluta naturalidade em meio às coisas do mercado. Nada lhe parecia ser estranho. A distinção, talvez, fosse a inflexão da pauta religiosa dominante na economia desse grande mercado urbano, frequentado por *ebômins*, *iaôs* e *abiãs*, muitos deles membros cultivados dessa burguesia negra carioca, fiel às tradições afro-brasileiras.

Isaac não fazia nenhum mistério em percorrer as galerias do *Mercadão* filmando tudo, sem nenhum embaraço, produzindo imagens de sua organização e estrutura interna que se tornariam únicas, pois o edifício, em janeiro de 2000, pegaria fogo, sendo inteiramente destruído. Em meio ao conjunto de cerca de 300 lojas e público diário de aproximadamente

¹³ Vogel; Mello; Pessoa de Barros (2007).

80 mil pessoas, pôde constatar a vitalidade dessa economia, não somente pela variedade e quantidade dos produtos oferecidos, mas também pela riqueza do artesanato ligado à heráldica dos orixás e da pauta de consumo dos exigentes membros dessa “pequena corte” que são os terreiros de candomblé. Detinha-se em comentários sobre os *jogos de cena* envolvendo a *chinoiserie* dos rituais de interação desempenhados sob os olhos atentos e indiscretamente curiosos do sociólogo.

No ano seguinte, numa manhã de sábado, 30 de outubro de 1999, Isaac Joseph retornou ao *Mercadão*; dessa vez com Martine Segalen, sua colega de *Département*. Na companhia de Mello, Arno e Felipe, a atenção dos visitantes foi capturada por um gênero peculiar de conflito: evidenciavam-se no mercado as disputas no campo religioso entre os devotos do candomblé e da umbanda e os fiéis das igrejas pentecostais e neopentecostais, inflacionadas pela arrogância dos membros mais exaltados da *Igreja Universal do Reino de Deus*. Os embates e os processos de conversão e reconversão no campo religioso levaram muitos proprietários de lojas a passar seus pontos comerciais adiante. – “Eles dizem que é tudo coisa do demônio”, comentavam, referindo-se à intolerância dos novos convertidos. Outros mudaram completamente de ramo de negócios, aderindo aos proverbiais enfeites de festas infantis e *halloweens*, em total desacordo com a ambiência mais envolvente.

No Bairro do Catumbi

Além da visita ao *Mercadão*, Mello propôs a Isaac conhecer ainda os lugares e os amigos de um antigo *terrain*, empreendido por ele e Arno, em 1979, sobre os usos e as formas de apropriação dos espaços públicos para fins de lazer em um bairro tradicional carioca. Aceito o convite, seguiram para o Catumbi, bairro contíguo às adjacências da área central de negócios do Rio de Janeiro.

Como nos velhos tempos, e na certeza de que encontraria os amigos de sempre e os frequentadores das animadas rodas de conversa, Mello levou Isaac até o *Armazém São José*, na esquina das ruas Van Erven e Emília Guimarães, um dos postos preferidos de observação da vida ativa das ruas do bairro e, ele mesmo, foco da etnografia realizada naquele então. *Sur place*, o primeiro encontro logo viria desfazer, naquela tarde excessivamente quente e abafada, qualquer dúvida ou incerteza que porventura ainda tivesse o sociólogo, a respeito da eventualidade de uma visita não proveitosa.

Toninho, antigo anfitrião e *barman* que atendia no balcão do botequim dessa estrutura compósita que fora no passado o Armazém, estava lá providencialmente. Recebeu o companheiro e seu convidado francês de braços abertos. Isaac Joseph já havia lido *Quando a Rua Vira Casa*,¹⁴ não sendo, pois, a ambiência urbana do Catumbi de todo desconhecida. Além do livro, o sociólogo tomara conhecimento da mobilização política de seus habitantes e da criação, no final dos anos 1960, em plena ditadura militar, de uma bem-sucedida associação de moradores que alcançaria modificar a própria legislação federal brasileira, no que tange às cooperativas habitacionais, protagonizando um dos mais importantes movimentos sociais urbanos do país.

A ocasião oferecia-lhe, agora, mais do que o exercício imaginativo da leitura do texto etnográfico, com seus desenhos e fotografias, os quais tanto haviam cativado, anos antes, sua atenção, a oportunidade de incorporar-se ao autêntico *symposium* dos notáveis do bairro, participando da roda de conversa formada pelo grupo de *habitués*. Beber, “beliscar” e conversar sobre o bairro e a própria cidade o aproximava de seus moradores, suas “personalidades públicas vocacionais”, suas formas de sociabilidade cidadina e da pertinência de suas reivindicações e indignação moral, diante das desastrosas intervenções de um urbanismo de extração autoritária.

Uma situação inusitada teve o condão de despertar o sociólogo, arrebatando Isaac Joseph e arrancando-o, definitivamente, da madorna de uma desconfortável e sonolenta viagem de retorno do subúrbio de Madureira ao centro do Rio. Havia outras pessoas no Armazém e, nas apresentações festivas do retorno de Mello ao bairro, Toninho, de muletas, foi até sua casa e trouxe seu próprio exemplar do livro com dedicatória e tudo, passando a discutir animadamente, e como de outras tantas vezes, sobre o bairro. No próprio local e a partir das fotografias e desenhos de *Quando a Rua Vira Casa*, Toninho revirava as páginas e mostrava em detalhes os ambientes do armazém, tal como era antes: o bar, o armarinho, os secos e molhados.

No meio da conversa, Toninho disse que conhecia a França. Mello ficou desconsertado, imaginando talvez tratar-se de uma forma enviesada de agradecer e acolher o estrangeiro. Mas a história era verdadeira; e logo se revelou fantástica. Assim que venderam o velho armazém, os portugueses que eram seus antigos donos resolveram

¹⁴ Mello et al. (1985).

“visitar a terrinha”. Num gesto de gratidão pelos anos de dedicado empenho e lealdade do funcionário e amigo, presentearam Toninho com o convite para acompanhá-los numa viagem pela Europa. A essa época, o próprio etnógrafo ainda não havia estado no país do colega francês, mas seu informante desfiava lugares e contava histórias de Paris com a naturalidade peculiar de um verdadeiro observador e *connaisseur*, intrigando, a cada passo da narrativa, mais e mais o etnógrafo basbaque.

Isaac, mais uma vez, filmou e fotografou tudo, manifestando contentamento com essa ida ao Catumbi e com as relações de camaradagem estabelecidas no campo pelo colega. Na saída do armazém, comentou: – “Você deve ter feito realmente um bom trabalho etnográfico por aqui; pois as pessoas se lembram com carinho de você”.

Féerie carioca: uma noite na Lapa

Em 1999, ao imaginar os percursos da nova viagem de Isaac Joseph ao Brasil, cogitou-se que seria fundamental apresentá-lo à noite da Lapa, coração boêmio da cidade, bairro do centro do Rio de Janeiro reverenciado por cronistas de diferentes tempos, como João do Rio e Mário Lago.

Imortalizado na canção popular brasileira, é talvez por isso mesmo um lugar saturado, inflacionado de referências dessa espécie de imaginário urbano, ao qual corresponde um *ethos*, um estilo despojado, *une manière de vivre*, até mesmo um jeito de andar. Reduto de artistas, por sua frequência boêmia, o lugar foi equacionado, em sua *belle-époque*, a uma espécie de “Montmartre carioca”, na qual convivem e se misturam categorias sociais muito diferenciadas. É o ambiente de personagens como o malandro e o capoeira, do *trottoir* de travestis, dos prostíbulos, dos hotéis para solteiros, das *garçonnières* e do folhetim das tragédias passionais.

Seu imponente aqueduto, formado por um conjunto de 42 arcos, enquadra o cenário compósito da Lapa, que abriga grande quantidade de bares, restaurantes, *boites*, casas de *shows*, antiquários e centros culturais, numa mistura particular de formas de divertimento, por vezes reunidas em um mesmo ambiente.

Com variadas apresentações de rua, estilos musicais tão diversos – samba, *hip hop*, *reggae*, *rock* e capoeira –, o lugar agrega as mais

variadas “tribos urbanas”. Tudo num conjunto relativamente pequeno de ruas e quarteirões, sob a aura compartilhada da diversidade cultural. Ao mesmo tempo, o bairro situa-se nas adjacências imediatas de templos da cultura erudita, Sala Cecília Meirelles, Biblioteca Nacional, Museu de Belas Artes e Teatro Municipal (réplica de l’*Opéra de Paris*).

Em 29 de outubro de 1999, noite de sexta-feira, após uma semana de muito trabalho, Isaac Joseph, juntamente com Licia Valladares, foi conhecer os bares da Lapa com um grupo de estudantes da UFF e da UFRJ. Dias antes, ele já havia estado no tradicional *Restaurante Nova Capela*, frequentado por artistas, jornalistas e intelectuais, no qual se aprecia um excelente cabrito assado com arroz-de-brócolis, especialidade da casa e espécie de pedido obrigatório. A ideia, no entanto, era de que Isaac conhecesse mais de perto a noite da Lapa e pudesse se divertir em algum ambiente marcadamente musical e dançante.

Esse era um momento em que havia, na municipalidade, discussões sobre a revitalização do bairro, buscando redesenhá-lo, oferecendo novas alternativas de lazer, durante o *happy hour*, aos executivos das autarquias nacionais. A Lapa, assim revitalizada, exerceria uma espécie de tropismo sobre os bem-aquinhoados altos funcionários dessa área, em meio à polêmica discussão entre manter ou não os habitantes no lugar. Isaac conhecia com intimidade a questão da renovação urbana, pois, na mesma época, habitava a Rue Julien Lacroix, em pleno coração de Belleville, bairro de Paris que sofreu uma das últimas investidas do jacobinismo, sob a espécie da *gentrification* e da especulação imobiliária favorecida pelo urbanismo oficial.

O grupo seguiu a pé pelas ruas, observando as fachadas das casas antigas com suas nuances entre a decadência e a elegância. A atmosfera produzida pelo sistema construído quase em ruína, entretanto, suscitou curiosos e não menos pertinentes comentários de Isaac Joseph, a propósito de uma inusitada colaboração. Pois insistia nas virtualidades positivas que o diálogo com as competências dos profissionais de teatro, por exemplo, poderia representar para a cidade, bastando recordar as requintadas e minimalistas intervenções criadas por cenógrafos e iluminadores, produzindo novas ambiências, uma verdadeira cenografia urbana. Com isso, convidava seus colegas a revisitarem o tema da iluminação pública mas, dessa vez, e para surpresa dos jovens sociólogos, sublinhando a estética das artes

cênicas, sem recorrer ao batido repertório ideológico das questões de segurança e de vigilância.

Numa esquina da Rua do Lavradio, os estudantes se animavam em mostrar para Isaac o ponto dos travestis. Entretanto, o que realmente chamou sua atenção foi uma “garota da noite” dançando de forma explosiva diante de uma *jukebox*, na entrada de uma sinuca com seu grande salão de jogos de paredes grafitadas na Rua Riachuelo. Sua interação com a máquina, na qual selecionava músicas eletrônicas e fazia um verdadeiro show à parte, era total, fazendo *semblant* naquele espaço público, alheia à passagem de pedestres que observavam aquela espécie de apresentação cuidadosamente estudada do *self* na vida cotidiana.

O grupo atravessou os arcos do antigo aqueduto, reduzido agora a mero suporte para a linha férrea do bonde de Santa Teresa, o único remanescente de um antigo e popular meio de transporte outrora dominante na paisagem urbana carioca, buscando alcançar o *point* do Largo da Lapa. Por ali, sós ou em bandos, gente vinda de toda parte, nos trajes mais variados e extravagantes, circula, desfila e se concentra na paquera diante das animadas casas de *show* e concorridas danceterias, como o popular forró *Asa Branca* e, frequentado pelo público *gay*, o velho *Cabaré Casanova*, considerado o primeiro do gênero na América Latina.

A Rua Joaquim Silva, repleta de bares e ambulantes, reservaria um agradável fim de noite, tal como haviam programado os estudantes oferecer ao sociólogo. Percorrendo seu traçado tortuoso, num cenário evocando em tudo as ambiências dos romances de Émile Zola, novos bares da moda se misturavam às antigas casas de cômodos, bordéis, hotéis de encontro barato, pequenas oficinas e carvoarias que ainda permaneciam funcionando a plenos pulmões, bem ali no coração da cidade.

No *Semente*, o espetáculo musical e dançante, entretanto, só começaria por volta das 23 horas. O ambiente *à la mode* do aconchegante bar de esquina, assim como o próprio bairro, exaltava a diversidade musical em sua programação. E, do samba à salsa, transformava-se o modesto lugar, ao sabor dos ritmos e coreografias, promovendo às sextas-feiras uma descontraída “noite caribenha”, da qual somente se despediriam altas horas da madrugada.

Um samba em Niterói

Dois dias depois da inesquecível visita à Lapa, numa noite de domingo, Isaac Joseph foi convidado para conhecer a roda de samba no *Candongueiro*, em Niterói, cidade ligada ao Rio de Janeiro pela ponte que atravessa a baía de Guanabara e que mantém com essa cidade uma relação especular, pois de uma é possível permanentemente avistar a outra. Era 31 de outubro de 1999 e, também em nossa companhia, estavam Michel Misse e Jorge da Silva, colegas do conhecimento de Isaac.

Apesar da dificuldade de acesso e da distância, que envolve um deslocamento sempre complicado, o *Candongueiro* é considerado a melhor casa de samba do Rio. O lugar fica longe de tudo, numa casa retirada na Estrada Velha de Maricá, na região montanhosa de Niterói. Mantém uma semelhança proposital com a ambiência dos terreiros de candomblé, restritos aos iniciados e àqueles que conhecem o caminho. Isso faz com que o frequentador se sinta um privilegiado simplesmente por estar ali e reaja a qualquer tipo de alteração que ameace essa sua aparente exclusividade.

No *Candongueiro*, o samba só começa por volta das 22h30, mas o ambiente desde cedo começa a ficar cheio. A movimentação e o entra-e-sai constantes criam uma proximidade física de corpos em contato, entre frequentadores, músicos e garçons, que fornece ao lugar a informalidade característica das rodas de samba. O arranjo de mesas, cadeiras, instrumentos musicais e aparelhagens de som o tempo todo é refeito, como se não houvesse espaços previamente demarcados. O ponto alto das apresentações, entretanto, é aguardado com ansiedade, enquanto grupos de músicos se exercitam no virtuosismo de cavaquinhos e violões, pandeiros e tamborins, animando a audiência. Grandes artistas são especialmente convidados e costumam se apresentar ali somente depois da meia-noite, sem compromisso com horários predeterminados.

A palavra *samba* se refere, ao mesmo tempo, a esse tipo de ambiência particular e ao gênero musical considerado a máxima expressão de “brasilidade. Em busca da autenticidade, por exemplo, cunhou-se a expressão “samba de raiz”, em clara oposição ao sucesso do “pagode”, considerado impuro por suas concessões à indústria cultural, por seu instrumental basicamente eletrônico, pelo visual de seus grupos e pelo romantismo açucarado de suas letras e melodias. Como resposta crítica a essa distinção impertinente e perigosamente substancialista,

em busca de uma suposta “pureza cultural”, costuma-se dizer, ironicamente, que “quem tem raiz é mandioca”.

A ideia cultivada de “mundo do samba” faz lembrar Howard Becker, amigo de Isaac Joseph, e seu conceito de “mundos da arte”, tão bem apropriado à complexidade desse campo. Numa roda de samba, por exemplo, revelam-se clivagens e conflitos desse mundo nada homogêneo. Qualquer deslize no repertório ou na instrumentação poderia representar críticas demolidoras por parte do público presente. Mas isso evidentemente não ocorre, pois ali impera um gosto.

Nas paredes do *Candongueiro*, figuram desenhos emoldurados dos grandes ícones do samba, formando uma galeria de retratos com os focos insuspeitados desse gênero musical carioca dos anos 1920 que se espalhou por todo o Brasil e que ganhou o mundo. Para os adeptos mais fervorosos, que cultuam o samba “em feitiço de oração”, como dizia Noel Rosa, essa é uma espécie de panteão sagrado, no qual figurava como divindade a própria convidada especial daquela noite.

A casa orgulhosamente recebia Dona Ivone Lara, consagrada como “a grande dama do samba”. A artista teve o mérito de romper com a androcracia da tradicional linhagem dos compositores de samba-enredo, no distante carnaval de 1965. Dona Ivone apresenta uma trajetória comum a muitos outros sambistas, como Clementina de Jesus, Cartola e Ismael Silva, iniciando tardiamente uma carreira artística regular. Do alto de seus 77 anos, a cantora e compositora estava em plena atividade.

Isaac se impressionou que todos cantassem juntos durante horas, formando um congaçamento em uníssono. As pessoas presentes na “roda de samba” não só compartilhavam o gosto musical, mas sabiam todas as letras, mesmo as mais jovens, de um vasto repertório popular. Diante da manifestação efusiva do público e dos artistas, Isaac se divertiu muito e se permitiu até sambar, ensaiando alguns passos.

Isaac, contumaz apreciador do jazz e agora convertido em aficionado apreciador de música brasileira, perguntou o que afinal queria dizer “candongueiro”. Felipe Berocan esclareceu tratar-se de um atabaque do *jongo*, gênero de ritmo sincopado, ambientado nos terreiros, preservado no vale do rio Paraíba e cultivado em Madureira, evocando os negros dos tempos da escravidão.

Carole Saturno, dois anos depois, em viagem com Isaac ao Brasil, comentaria que finalmente o último disco de Dona Ivone Lara, *Nasci pra sonhar e cantar*, havia sido lançado na França com o inusitado título *Née pour souffrir et chanter*, observando com ironia: “Os franceses talvez achem que sonhar é sofrer; deve ser um problema psicanalítico!”.

Isaac Joseph à beira-mar

No dia seguinte ao *Candongueiro*, uma segunda-feira pela manhã, convidado por seus amigos da UFF, Isaac Joseph e Martine Segalen foram ao encontro dos colegas com a finalidade de visitar Itaipu, praia da região oceânica de Niterói. Os amigos organizaram-se para recebê-los, cabendo a Kant e Solange Creton os conduzir até o lugar em que os aguardavam Mello, Neiva Vieira da Cunha, suas filhas Luisa e Julia, e Felipe. Como de outras vezes, o grupo foi direto para a *Casa da Sogra* (“*maison de la belle-mère*”), um modesto estabelecimento à beira-mar de propriedade da irmã de “Seu Chico”, frequentado por pescadores e banhistas, marcado pela descontração e pelo despojamento do ambiente.

À ocasião de lazer e descontraída conversação, não faltaram, entretanto, oportunidades para discutir, uma vez mais, as questões relativas ao tema dos espaços públicos, suas apropriações particularizadas e usos regulados pelo Estado. O campo empírico escolhido, dessa vez, trazia uma série de outras implicações. A praia e o mar, vistos dessa perspectiva, poderiam ser tomados também como lugares da controvérsia; como arenas públicas, portanto, evidenciando conflitos, disputas e litígios, e suscitando um repertório argumentativo em torno da fundamentação de direitos, práticas e da tópica *público/privado*.

O improvisado *symposium* à beira-mar, enquanto todos aguardavam a refeição, era acompanhado atentamente por pescadores nossos conhecidos que intervinham, com suas considerações e ponderações no debate. Seus argumentos instruíam passo a passo a discussão, pois procuravam evidenciar as dificuldades derivadas de um ordenamento jurídico que desqualificava as suas formas tradicionais de ocupação e apropriação da praia, como lugar próprio das fainas das pescarias, e dos recursos ambientais da pequena comunidade, segundo regras estritas compartilhadas e localmente observadas.

O *corpus* etnográfico do “direito à vez”, tal como havia registrado e analisado Kant em trabalho de pesquisa ali anteriormente realizado,

testemunhava o refinado quadro de referência dessas regras, invocadas na composição dos conflitos. Ao remontarem os fundamentos de sua pretensão de constituir uma reserva extrativista marinha (RESEX-MAR), evidenciavam tais dispositivos consuetudinários que regulavam a atividade pesqueira e a diversidade de usos da faixa litorânea por pescadores artesanais, para justificarem a legitimidade de suas práticas e saberes naturalísticos.

Isaac pôde acompanhar, a cada visita, o desenrolar desse processo. Havia estado em Itaipu dois anos antes, em 1997, com Kant e Ricardo Maciel, autor de uma bela fotografia que eternizou uma excursão etnográfica, a bordo de uma canoa, com “seu Chico“, Joel e outros pescadores, em visitação aos limites reivindicados pela comunidade para essa área de proteção ambiental.

O assunto voltaria inúmeras vezes como tema de conversação entre colegas brasileiros e franceses, sobretudo em função de seus interesses de pesquisa e dos acontecimentos suscitados pelo debate público em torno da constituição de reservas extrativistas marinhas ao longo do litoral brasileiro, do qual fazia parte, em consultoria, o grupo de pesquisa do NUFEP. A conversa animada, entretanto, foi providencialmente interrompida pelo tão esperado almoço de peixe frito e mexilhões, cuidadosamente preparado na cozinha por “Chicaca“, e servido por nossa anfitriã ”Jeti“, a sorridente, bem-humorada e operosa irmã de “Seu Chico“.

O convite para uma caminhada pela praia e o banho de mar proporcionariam uma singela mudança no registro de impressões, uma ocasião de proximidade e descontraída intimidade jocosa entre os colegas. Tempos depois, saudosa do amigo, Martine iria carinhosamente se lembrar da ocasião, talvez aquela em que esteve mais próxima de seu colega: *“L'étonnant pour moi est que Isaac est lié au Brésil, c'est le moment où je l'ai le mieux et le plus connu. À Paris, nous sommes éparpillés de tous côtés. Ce sont des promenades avec vous sur la plage qui me ramènent son souvenir”*.

Ao pôr-do-sol, o grupo deixaria a praia. Martine Segalen voltou para o Rio de Janeiro com Mello, Neiva e as crianças. No trajeto, Julia e Luisa ensaiavam algumas notas na flauta doce. Martine comentou que também tocava flauta e que tinha uma neta da mesma idade delas. Alegre com o passeio e procurando animar as meninas, cantarolou

uma inusitada versão francesa do samba *Madureira Chorou*, que fizera muito sucesso em Paris, no final dos anos 1950.

O samba, composto por Carvalhinho e Júlio Monteiro, fôra gravado para o carnaval de 1958. Apesar da melodia contagiante, sua letra é marcadamente lúgubre e triste: "Madureira chorou/ Madureira chorou de dor/ Quando a voz do destino/ Obedecendo ao Divino/ A sua estrela levou". Essa foi uma homenagem póstuma à vedete Zaquia Jorge, atriz do teatro de revista, tragicamente desaparecida nas águas traiçoeiras da Barra da Tijuca, vítima de um prosaico banho de mar. Sua morte prematura causou grande comoção no bairro em que morava e se apresentava, entristecendo toda a cidade.

Nessa mesma época, no Rio de Janeiro, a equipe cinematográfica francesa envolvida com as filmagens de *Orfeu da Conceição*, encantou-se com a música e fez, em total desacordo com a letra original, a versão *Si Tu Vas à Rio*, composta por Jean Brousolle e gravada no mesmo ano de 1958 por Dario Moreno, "la voix smyrniote de France", um até então obscuro *crooner* turco-mexicano-francês: "*Si tu vas à Rio/ N'oublie pas de monter là-haut/ Dans un petit village/ Caché sous les fleurs sauvages/ Sur le versant d'un côleau*".

Letra (*paroles*) e melodia tornaram-se um enorme sucesso na França, vindo, 25 anos depois, a fazer parte da própria trilha sonora do filme *Le Bal*, de Ettore Scola, figurando como uma das canções mais significativas daquela década. Tinha razão, pois, Martine Segalen em lembrar curiosa referência musical sobre a cidade.

Uma visita a Arraial do Cabo

Em maio de 2001, Isaac Joseph faria uma de suas últimas viagens ao Brasil. Como de outras vezes, sua agenda de compromissos estava tomada por uma série de atividades acadêmicas, às quais incluíam, além dos encontros, seminários e pequenas conferências, as visitas aos lugares onde se realizavam os trabalhos de investigação empírica, apresentados nessas diferentes ocasiões por estudantes e professores.

Nessa época, o NUFEP tinha como *locus* de pesquisa a Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, na qual seus pesquisadores participaram ativamente dos processos de formulação e consolidação dessa que, por decreto presidencial, tornou-se a primeira experiência de implantação de uma RESEX-MAR no Brasil. Os conflitos que se

evidenciaram diante da inclusão dos pescadores na esfera de decisão política – como legítimos e qualificados porta-vozes de seus próprios interesses e direitos, em nome de um saber *tradicional*, de um fazer *artesanal* e da *sustentabilidade* do meio ambiente –, constituíram-se em autêntica e acalorada arena pública em torno das novas formas de gestão do litoral de Arraial do Cabo, a 150 quilômetros do Rio de Janeiro.

Isaac conhecia bem o interesse que despertava em seus colegas a temática da pesca e dos conflitos envolvendo grupos de pescadores do litoral fluminense. Não somente aqueles derivados da especulação imobiliária, da pressão do turismo de massa e da expansão das indústrias naval e petroleira, mas sobretudo os conflitos com a Marinha, o Ministério do Meio Ambiente e a Procuradoria da República, diante da recusa veemente dos pescadores artesanais à manutenção extemporânea do regime de tutela do Estado ao qual estavam submetidos, reivindicando, como sujeitos políticos, liberdade e autonomia para estruturarem suas próprias formas de organização e deliberação.

Entretanto, hesitava em destinar uma das dimensões do projeto de cooperação acadêmica internacional da Convention Capes-Cofecub ao exame dessa problemática; pois não sabia avaliar muito bem o modo pelo qual os eventuais pareceristas (*consultants*) do projeto poderiam encarar *promenades* à beira-mar como lugares dignos e rotinas relevantes de pesquisa, a propósito da administração dos conflitos e da reivindicação de direitos no espaço público.

Não que lhe desgostassem os desafios aventureiros, sobretudo os propostos *sur place* por seus companheiros de pesquisa. Mas o que poderiam dele pensar seus taciturnos colegas parisienses, aqueles que porventura ainda conservassem na memória a imagem viva das paisagens idílicas das praias de Cabo Frio, Búzios e adjacências? “Kant, como vou colocar no projeto que vou à praia?!?...”, ponderava Isaac desconcertado. – “Mas tem que colocar, Isaac!”, retrucava, com uma dose de impaciência, o amigo.

Tamanha reticência e reserva do sociólogo era vivamente questionada por seu colega e parceiro brasileiro. A não ser, conjecturava este provocativamente, que tais preocupações, de todo desmedidas, se devessem, talvez, ao temor de que viesse a ser perigosamente identificado na academia com a *flanerie* desabusada de uma Brigitte Bardot! Uma hipótese remota, certamente. Mas não de todo destituída de graça, malícia e jocosidade; pois, quem sabe, os acontecimentos que abalaram a região, nos

idos do verão de 1964, poderiam estar somente adormecidos, *n'est-ce pas, mon vieux?* Os moradores de Búzios, é verdade, têm ainda muito presente a lembrança do rumoroso *séjour* da provocante e charmosa francesinha em suas praias, frequentadas por ela na companhia de Bob Zagury, seu invejado *boyfriend* marroquino-brasileiro!

Fustigado pelo colega e amigo por argumentos de todo tipo, que oscilavam entre a pertinência acadêmica e a irreverência brasileira, Isaac Joseph, finalmente convencido, não só concedera, mas aceitara o convite para uma visita de trabalho à Associação da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo – AREMAC.

Ronaldo Lobão, estudante de antropologia que desenvolvia sua pesquisa para tese de doutorado na região, recorda-se dos ensinamentos dessa viagem, durante um breve final de semana:

Em Arraial do Cabo, nos alojamos na Pousada Náutilus. Entre uma conversa e outra com Isaac, em inglês, apresentando as questões com as quais me defrontava no campo, compreendi que tempo, espaço, cognição, poder e conflito eram passíveis de serem estudados seriamente de uma perspectiva antropológica. Ele ouvia a tudo atentamente, a despeito das minhas dificuldades em expressar essas questões de um modo adequado numa língua estrangeira. Foi graças às suas sugestões que definitivamente incorporei *The Time and the Other*, de Johannes Fabian, às minhas leituras sobre as ligações entre tempo e poder, evidenciadas entre os pescadores artesanais em meu trabalho de campo.

Na Feira de São Cristóvão

Isaac Joseph voltou ao Brasil duas vezes em 2001, em maio e, logo depois, com Carole Saturno, entre julho e agosto. Dessa vez não encontraria Mello, seu colega brasileiro, que estava em Paris desenvolvendo pesquisa de campo em Belleville. Seu ponto inicial de observação, curiosamente, era o *Bistrot Le Jardin*, situado na Rue Julien Lacroix, 103, exatamente no *rez de chaussé* do prédio onde morava Isaac.

Em 12 de maio daquele ano, uma noite de sábado, Isaac Joseph foi juntamente com Felipe à Feira de São Cristóvão, grande mercado

da Zona Norte do Rio de Janeiro onde se reúnem os “paraíbas”, expressiva população de migrantes do Nordeste do Brasil associada emblematicamente às classes populares, vivendo nas grandes metrópoles, fiel, entretanto, a seus costumes regionais. A feira sexagenária, composta por 700 barracas de comércio e frequentada por aproximadamente 450 mil pessoas a cada mês, ocupava, de modo precário, o entorno de um gigantesco pavilhão projetado por Sérgio Bernardes. A imensa estrutura, originalmente concebida para abrigar um centro de convenções e exposições, era considerada um dos maiores e mais imponentes vãos livres do mundo, orgulho da arquitetura carioca.

Em 2003, a Feira de São Cristóvão e seus perseverantes comerciantes seriam definitivamente transferidos pelo poder público municipal para o interior do moderníssimo pavilhão, buscando reproduzir o estilo de comércio, a ambiência e o gênero de negócios que tinham marcado anteriormente a sua constituição extramuros. O crescimento da improvisada feira a céu aberto, portanto, acabou fagocitando o engenho megaescultural urbano, convertido, depois da visita de Isaac Joseph, numa imensa praça de mercado popular nordestino, em pleno Rio de Janeiro.

Esse não era um acontecimento isolado, pois os últimos anos foram marcados pela renovação de diversos mercados populares em todo o Brasil, em tentativas governamentais de organizar espaços públicos tradicionalmente dedicados às práticas comerciais espontâneas no centro de grandes cidades, como Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Recife, São Luis e Belém.

Ali em São Cristóvão, nas adjacências do antigo palácio imperial da Quinta da Boa Vista, as evocações do universo rural ainda encontram sua representação e expressão máxima na cidade, seja pelo ostensivo comércio de chapéus, bolsas e sandálias de couro; roupas e paramentos de vaqueiro; seja na multiplicidade de objetos como berrantes, redes, facas e canivetes. À farta e graciosa exposição desse *shopping paysan*, vinha juntar-se toda sorte de quitutes, doces e licores; a variedade de cachaças, rapaduras, farinhas e carnes que formam a base da alimentação do *sertanejo* em suas longas viagens; as comidas prontas e expostas, com as mais afamadas e disputadas receitas da culinária nordestina, caracterizando a grande feira agora circunscrita pelos muros do pavilhão metamorfoseado em mercado, no qual recende a todo instante o aroma forte dos temperos moídos na hora e a cantoria dos repentistas e poetas populares.

Também chamava a atenção de Isaac a competição e a diversidade de estilos musicais e seus públicos diferenciados. Era possível ouvir desde a explosão eletrônica dos forrós atuais até o tradicional “forró pé-de-serra”, sempre acompanhado pelo trio formado por sanfona, triângulo e zabumba. Tudo isso passando pelos repentistas que recitavam versos em desafio, pelo sentimentalismo exagerado da música *brega* e pela presença das máquinas de *karaokê* espalhadas por todos os cantos, formando suas *boutiques* distintos ambientes de encontro sob tendas improvisadas.

Era curioso ver aquela gente toda ali reunida, se divertindo depois do trabalho. Isaac gostava de ver esse reverso do nordestino, genericamente chamado de “paraíba” e associado a porteiros de edifícios, empregadas domésticas e trabalhadores da construção civil, reunidos no grande espaço público da feira, a esse tempo despertando a curiosidade, e até mesmo a frequência *cult* de jovens de classe média da Zona Sul carioca.

Na *Barraca da Chiquita*, na qual era possível conversar um pouco melhor, imersos naquele universo fascinante, Isaac, com gestos que evocavam as imagens e sons dos fogos de artifício, que, tão efusivamente, provocam irresistível apelo aos sentidos e se desdobram em explosões múltiplas nos ares, dissertou sobre o tema da *féerie*, noção evocativa de Gabriel Tarde sobre a qual se deteve em esclarecimentos a seu companheiro de *soirée* para referir-se à vida social em profusão que tinham sob os olhos.

Carnets de terrain: um encontro com estudantes

Em Niterói, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF, os estudantes propuseram a Isaac Joseph a realização de um encontro, um seminário no qual pudessem apresentar e discutir suas etnografias. Em 17 de maio de 2001, quinta-feira à tarde, na sala 417 do IFCS-UFRJ, Isaac ouviu atentamente a exposição de cada um dos jovens pesquisadores a propósito do andamento de seus respectivos trabalhos de campo, somente interrompendo-os para um ou outro esclarecimento que lhe permitisse uma compreensão mais adequada das questões suscitadas aqui e ali, em torno de detalhes que eventualmente lhe escapavam.

Essas investigações não eram dele de todo desconhecidas. No Rio ou em Paris, costumava compartilhar com Mello os problemas e eventuais dificuldades com os quais se defrontavam seus estudantes

durante o trabalho de campo e na elaboração de suas dissertações e teses. Manifestando interesse e aceitando de bom grado o convite, no dia marcado escolheu iniciar a conversa deixando claro que compreendia perfeitamente a importância da ocasião; pois conhecia bem as dificuldades muitas vezes enfrentadas por professores e estudantes diante das quase sempre árduas e delicadas sessões de orientação, fazendo aflorar suscetibilidades e, o que é pior, não rara e perigosamente reduzindo e empobrecendo as virtualidades positivas do engajamento conversacional incontornável, quando se trata desse gênero da interlocução acadêmica.

Tinha plena consciência de que a gentileza do convite formulado pelos estudantes não o liberava da imensa responsabilidade contraída pelo respeito mútuo e pelos vínculos de amizade que o ligavam ao seu colega brasileiro. Para além da camaradagem e carinhosa cumplicidade, eram os seus estudantes o mais alto penhor dessa confiança, generosidade e reciprocidade cultivada no canteiro de obras, ao longo dos anos.

Escolheu começar com notícias do amigo em Belleville, mitigando a ansiedade que a distância produzia em seus alunos. Seus comentários bem-humorados sobre o empreendimento etnográfico do colega foram acompanhados de uma série de considerações a respeito da pesquisa empírica no meio urbano.

As discussões, entretanto, se estenderam muito mais do que o inicialmente planejado. As exposições foram num crescendo; e a cada vez suscitavam comentários e observações precisas, frequentemente seguidas não só das habituais referências bibliográficas, mas, sobretudo, de pertinentes e generosas sugestões para o refinamento das abordagens e do tratamento analítico do material etnográfico. Todos os projetos que naquela tarde discutiria estavam, de certo modo, relacionados, pois traduziam os temas compartilhados de pesquisa em torno dos quais reúnem-se professores e estudantes no *LeMetro*, no NUFEP e no NECVU.

O trabalho de campo empreendido por Soraya Simões na *Vila Mimosa*, uma região moral das mais problemáticas do sítio urbano, ofereceu a Isaac Joseph, de saída, uma ocasião excepcional para apresentar não somente o grande tema da ecologia humana à *la Chicago*, mas ainda a contribuição que uma certa dramaturgia social goffmaniana poderia trazer para a etnografia dessa área de prostituição carioca. Além disso, sugeriu investigar o debate em torno da prostituição para além

do espaço ecológico, ampliando significativamente a controvérsia do caso num espaço de comunicação, ou seja, no espaço simbólico de uma arena pública, na qual se constitui como um *problema público*. Suas sugestões logo ganhariam um contorno mais preciso, como será mostrado mais adiante, por ocasião da visita que acabaria fazendo, num fim de tarde, à própria “zona” de prostituição.

Com a propriedade de observador refinado da vida quotidiana, Isaac Joseph ofereceu a Paulo Thiago de Mello inúmeras sugestões, durante a exposição que este fizera sobre a frequência a um botequim de bairro, gênero de comércio de proximidade. O ponto central de seus comentários voltou-se, didaticamente, para a questão da “pendura” (*ardoise*), tendo em vista a oportunidade de fazer sua análise recair sobre um de seus temas prediletos de seminário: a *confiança*, esse poderoso dispositivo de redução da complexidade do mundo. A complexa dialética de proximidade, reserva e distância que estabelece e organiza as escalas de familiaridade e estranhamento, com suas implicações para o circuito da confiança no comércio de proximidade; a medida de civilidade (ou incivilidade) evidenciada pela copresença de homens e mulheres em suas dependências; o *display* dos frequentadores nas mesas e balcões e sua relação com objetos e ambiências; as relações com o entorno e as nem sempre fáceis e pacíficas negociações com a vizinhança; bem como o papel que desempenham os *Guides* que acabam restringindo as alternativas e direcionando as escolhas, constituíram o repertório das referências sugeridas por Isaac Joseph ao jovem e atento sociólogo.

A etnografia de um bairro insular carioca efetivada por Wilma Leitão levaria Isaac Joseph a conhecer, por pessoa interposta, a Ilha de Paquetá e sua engenhosa oposição complementar entre o *Campo* e a *Ponte*, com todas as implicações sociológicas dessa dicotomia para a vida dos moradores dessas duas “metades”, com suas rivalidades cultivadas. Entretanto, o contexto dramático de um grande acidente ecológico causado pelo derramamento de mais de um milhão de litros de petróleo nas águas da baía de Guanabara, decorrente do vazamento de uma refinaria no ano anterior, iria, durante um bom tempo, afetar radicalmente a vida do bairro. Isaac chamou a atenção não somente para o problema da construção social do risco e da alocação da responsabilidade, encarnado nas figuras do *profeta* e do *denunciador*, mas, sobretudo, para o modo como, em tais circunstâncias, diferentes atores tomam a palavra. Como intervêm nas distintas arenas públicas,

quais são os seus argumentos e como eventualmente se completam; como, enfim, no âmbito da *justificação* e das gramáticas sociais, são mobilizados recursos e se constrói um interesse geral em torno da tópica do “patrimônio” ou do “meio ambiente”, constituindo provas de justiça e urbanidade.

Felipe Berocan apresentou sua pesquisa sobre a Festa do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis, pequena cidade do Brasil Central. A grande celebração religiosa, popularmente difundida por quase todo o país, tem uma longa história da qual faz parte o conflito entre seus devotos, organizados em irmandades, e a Igreja Católica, que não aceita as formas heréticas do culto em separado de somente uma das Pessoas da Santíssima Trindade. Os meandros do *Império do Divino*, seu caráter compósito, escandido em três grandes fases da sequência ritual, foi o foco privilegiado da exposição. As implicações dessa manifestação do *catolicismo rústico*, entretanto, ultrapassavam em muito a dimensão local, basculando Pirenópolis para além da esfera regional, conferindo-lhe uma visibilidade na mídia globalizada e um irresistível apelo ao turismo de massa, favorecido pela recente espetacularização da festa, com sua recriação numa novela de grande audiência na TV. A etnografia do processo ritual suscitou inúmeros comentários e sugestões de Isaac Joseph, referindo-se à recente “festivalomania” na França que põe a cidade em cena – não só a imaginária, mas também a real – diante dos desafios da organização da hospitalidade. Economia e política, religião e *marketing*, “tradição” e “modernidade”, patrimônio e indústria cultural encontravam-se, lá e cá, inextricavelmente associados, constituindo uma excelente oportunidade de colocar sob descrição a complexidade dos serviços, do agenciamento das competências e do acolhimento ao estrangeiro.

O enfoque em etnografias da produção cultural, da organização das festas e de suas relações conflituosas com a Igreja, voltaria à discussão com o trabalho de Patricia Brandão Couto sobre a *Festa de N^a S^a do Rosário*, em Minas Gerais. O batuque, a dança, a melopeia e os desafios nos quais se empenham os *ternos de congado* e *moçambique* desse “catolicismo negro” praticado nas cabeceiras do São Francisco, ocultam um combate subterrâneo. Um incidente iria bascular a etnógrafa para um plano até então insuspeitado da festa: o mal-estar provocado pelo inesperado do arrebatamento místico-religioso, desvelaria e tornaria vastos e inquietantes os horizontes da pesquisa de campo em sua complexa dimensão dramaturgica. E a coreografia que tanto

havia obcecado a jovem e atenta pesquisadora iria revelar-se, também ela, plenamente como *dromenon*, “uma coisa para ser feita, não uma coisa para ser vista”. Feitiços, *mandingas* e todo tipo de sortilégios se entrecortam atravessando o substrato dos grupos de dança, tecendo uma espécie de guerra invisível, afetando indiscriminadamente participantes e observadores, mobilizando especialistas, configurando a intrigante “política de um ritual não político”.

A exposição de Carlos Eduardo Medawar teve como campo empírico o *Mercadão* de Madureira e, a partir dele, a construção da identidade e os custos da iniciação nos cultos afro-brasileiros. A etnografia do comércio de artigos religiosos e dos preços dos requisitos rituais indispensáveis para a “feitura do santo” constituiu o foco da discussão. Pouco à vontade, entretanto, para tratar do assunto e não satisfeito com a linha dos argumentos, Isaac Joseph limitou-se a fazer as suas considerações sob a espécie de uma sucessão de perguntas que, a cada vez formuladas, inquietavam mais e mais o jovem etnógrafo. Pois, afinal, o *preço* da iniciação era um índice de quê? Quem eram os operadores dessa valorização? Que agências lucravam com ela? Que implicações sociológicas traziam os *altos custos* para a iniciação? Já não ocupava o candomblé, ponderava Isaac, uma posição social importante que os justificasse? Por que o processo de construção de identidade não se comprava? Para Isaac Joseph, o candomblé era, naquele contexto de discussão, um bem simbólico comparável a qualquer outro; por isso as coisas se valorizavam e os preços mudavam. Finalmente, ressaltou: “O candomblé é um mundo, certamente; mas não é um mundo à parte”.

As observações de Mirian Alves de Souza a propósito do Catumbi e de seus moradores, considerados quanto às suas distintas nacionalidades e pertencimentos étnicos, ensejaram uma estimulante discussão em torno dos bairros de acolhimento de imigrantes, um tema caro da tradição dos estudos urbanos. Tratava-se de compreender as formas por meio das quais açorianos, portugueses do continente, espanhóis, armênios, italianos e ciganos interagiam, compartilhavam e conformavam os espaços de sociabilidade desse bairro das adjacências da zona portuária. Para apresentar as vicissitudes deste sistema de relações, elegeram os ciganos, um dos grupos em copresença, sublinhando seu modo peculiar de inserção local. Pois o grupo objeto de sua etnografia tinha alcançado uma posição no âmbito do judiciário carioca que desafiava a imaginação do pesquisador.

A derradeira exposição daquela tarde colocaria Isaac Joseph diante de um grupo profissional, intrigante quanto às suas origens e curiosas estratégias de negociação no espaço público. A inteligência sociológica dos ciganos *calons* do Catumbi, transmitindo intergeracionalmente as competências de um *métier*, remontava à chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, no século XIX, quando, como “oficiais de justiça” (*hussiers*), passaram a dedicar-se cuidadosamente aos serviços do Paço Imperial. Le fait d’être membres d’une “minorité ethnique” a permis aux gitans de Catumbi de bénéficier d’un base d’action remarquable, sans pour autant se départir ni de son identité, ni des stéréotypes qui lui étaient traditionnellement associés.

Os comentários de Isaac Joseph sobre cada trabalho apresentado naquela tarde foram cuidadosamente registrados e circulam até hoje entre os colegas. A propósito do encontro profícuo, escreveu Paulo Thiago de Mello:

A mente brilhante, os toques certos, as indicações bibliográficas pertinentes e o humor instável; Isaac passeava por uma série de disciplinas ao falar sobre nossas pesquisas antropológicas. Estava ali diante de nós, sobretudo o filósofo, como ele mesmo se definia. Mas acima de tudo, um estrangeiro curioso da cidade e, nós, na condição de apresentar a ele aspectos do Rio que não figuram nos mapas e guias de turismo.

A Vila Mimosa e suas fronteiras

No dia 23 de julho de 2001, por ocasião de sua última visita ao Brasil, Isaac Joseph e Carole Saturno foram então conhecer a *Vila Mimosa* na companhia de Soraya Simões e seus colegas de seminário, durante o *happy-hour*. Debaixo de chuva, seguiram para a Praça da Bandeira, em cujas imediações, na Rua Sotero dos Reis e na Rua Ceará, concentram-se diversas casas de prostituição. Embora o termo *vila* remeta ao estilo de vida simples de uma vizinhança pacata e despojada dos subúrbios, o sociólogo iria encontrar ali, paradoxalmente, o contrário dessa bucólica representação.

Originárias da zona do canal do Mangue, as prostitutas, deslocadas da Cidade Nova, em meio às peripécias que marcaram a renova-

ção urbana do entorno, finalmente acabaram se estabelecendo, em 1996, nas adjacências da referida praça e da estação ferroviária da Leopoldina. O tradicional casario da antiga zona de prostituição foi completamente demolido para dar lugar aos modernos empreendimentos arquitetônicos promovidos por especuladores imobiliários e pela própria municipalidade, para sediar nada mais nada menos que todo o complexo de edifícios da administração pública, tendo por epicentro o “Piranhão”, ou seja, a própria *Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro*, numa alusão jocosa à voracidade carnívora do peixe amazônico e suas ressonâncias sexuais.

Na chegada, o gesto corriqueiro de quem recebe os fregueses à porta, numa manifestação de acolhimento e hospitalidade, produziria a primeira situação de embaraço entre os membros da pequena comitiva não habituados aos salamaleques do enorme segurança, dublê de recepcionista e porteiro. A gentileza daquele brutamontes, ao abrir as portas do táxi, oferecendo aos passageiros as boas-vindas, era em tudo deslocada. Aos olhos dos recém-chegados, mais parecia uma ameaçadora tentativa de assalto; ou, quem sabe, um sequestro, considerando essa espécie de técnica de apavoramento que constitui a plethora das notícias diariamente estampadas nos jornais e exibidas nos quiosques, como verdadeiros espantalhos urbanos, a dissuadirem o passante de aventurar-se desavisadamente pela cidade. A reiterada cordialidade do bruto-só-músculos logo desfaria a análise equivocada da situação quando, ao dirigir-se à etnógrafa, o fez nos termos de uma insólita e carinhosa gramática da intimidade: “Oi, minha criança!”

Feitas as apresentações, Soraya levou os visitantes ao estabelecimento de Fia. Vestida de camisola de dormir, *comme d’habitude*, a velha prostituta recebeu o grupo na sala de sua “casa”, acomodando os visitantes e servindo-lhes uma boa cerveja. Fia, depois de muitos anos trabalhando para cafetões e cafetinas, conhecendo o *métier* e avaliando as possibilidades e a ocasião, resolveu abrir, ela mesma, uma “casa”, passando a explorar seu próprio negócio, transmitindo às novas gerações de inexperientes jovens recém-chegadas à *Vila* e à “vida” seus preciosos conhecimentos e as regras do ofício, adquiridos em anos de militância.

Vila Mimosa era o nome que figurava no pórtico de entrada de um pequeno conjunto de casas de moradia que arquitetonicamente compunha a região moral da “zona do Mangue”. O processo de remoção eufemisticamente denominado de “renovação urbana”, entretanto,

deixara intacto, como uma espécie de “testemunho” do antigo sistema construído da Cidade Nova, exatamente esse *pâté de maisons*. Sua curiosa, complexa, impertinente e indesejável vizinhança, com seus pequenos e ruidosos negócios, acabaria precipitando as coisas. O golpe final das derradeiras demolições não tardaria, provocando a diáspora urbana forçada dos habitantes dessa verdadeira “cidade cenográfica” da prostituição carioca e, com isso, ameaçando dispersar prostitutas, rufiões, cafetinas, birosqueiros e malandros pelos bairros da cidade, contaminando-os com a impureza moral da corrupção dos corpos e desorientando seus *habitués*, frequentadores eventuais, clientes apaixonados, onanistas e *voyeurs*.

A inteligência sociológica da escória, aos olhos dos “empresários morais” e das classes médias bem-comportadas, é frequentemente espantosa. A decisão de manterem-se reunidas, a criação de uma associação e a mobilização permanente das “mulheres da vida” acabariam contribuindo para a escolha bem-sucedida das adjacências da velha estação ferroviária da Leopoldina. Com o dinheiro das indenizações que conseguiram arrancar do poder público, não sem muitas lutas e penosas negociações, adquiriram a área coberta de um galpão industrial desativado, com 2.500 m².

O arranjo do espaço foi concebido de tal modo a recriar a ambiência de uma rua. Não uma rua qualquer, mas uma movimentada e concorrida rua de comércio, o casario voltado para o passeio. Com sua combinação extravagante de cores e materiais, a arquitetura *kitsch* dessa insólita avenida formava uma espécie de galeria benjaminiana de *quadros vivos*, para êxtase e contemplação de seus frequentadores mais exigentes. Assim desenhada a circulação e facultada a *flanerie*, garantia-se o acesso da clientela às suas preferências, examinando e passando em revista o que cada uma das 45 casas alardeavam como sendo suas mais convidativas e prazerosas ofertas, propiciando a realização da boa escolha.

O sucesso da nova *Vila Mimosa*, agora espécie de nome-fantasia, ao mesmo tempo referência ao passado e recriação pós-moderna, marca de *griffe*, logo iria se fazer conhecer muito além da limitada circunscrição da vizinhança onde se instalou. O empreendimento coletivo liderado por “profissionais do sexo”, no início violentamente rejeitado pelas famílias e pudicos moradores da área, iria, entretanto, mudar de modo radical a vida, a economia e o comércio de proximidade do velho e decadente bairro das cercanias da Praça da Bandeira, com o

surgimento de salões de beleza, confecções de roupas íntimas, perfumarias, comércio de bijuterias e creches.

A animada conversa na casa de Fia, uma das primeiras a ter vindo se instalar no novo endereço, tinha adiantado. E a ocasião oferecera a oportunidade de uma primeira apresentação da pesquisa de caráter etnográfico realizada por Soraya. Afinal, era preciso dar conta do trabalho em andamento àquela que de modo benevolente acolheria *sur place* a etnógrafa em muitas outras visitas de campo.

Enquanto conversavam, velhas prostitutas em trajes sumários se misturavam às meninas envoltas em toalhas de banho, que faziam a *toilette* de modo estudado, deixando entreaberta a porta da *salle de bains*. Outras espreitavam pelas janelas cruzando olhares, à espera dos frequentadores que, só mais tarde, chegariam em maior número. Atravessando acompanhada o ambiente da sala, volta e meia uma das “meninas” galgava os degraus que ostensivamente conduziam o cliente ao “gineceu” de modestos aposentos. Nas ruas e nos bares, dentro de minúsculos *shorts*, *tops* e biquínis sensuais, o vaivém das mulheres era animado pela atmosfera de um repertório “brega” do *dance* americano em altíssimo volume, vindo de parafernália eletrônicas que irradiavam de cada uma das casas, criando uma sonoridade confusa para ouvidos mais sensíveis.

Para espanto de Isaac Joseph, o grupo de jovens antropólogos tratava com irritante naturalidade aquela visita ao prostíbulo, enquanto ele, ao contrário, alerta e completamente atento a tudo o que se passava naquele *bas fond*, não disfarçava a preocupação em seu semblante. Diante das circunstâncias, embora não tivesse interferido no curso das interações e na vontade do grupo, mais tarde revelaria o que lhe havia parecido talvez uma excessiva banalização da experiência. Naturalização que, a seus olhos, poderia acabar deixando de fora do campo de observação uma série de problemas que considerava importantes e que, desse modo, temia jamais virem a ser colocados sob descrição.

Quem vai à *Vila Mimosa*, centro de um tipo específico de mercado sexual, não vai simplesmente fazer turismo ou visita desinteressada. Afinal, “de que lado estamos?”, indagava à maneira de seu amigo Howard Becker. Aos olhos locais, a mesa chamava atenção: um estrangeiro, aparentando 60 anos de idade, denunciado por seu *accent*, acompanhado de várias moças e rapazes de “fino trato”, não se encaixava bem na cena. Isaac tinha certeza de que o excêntrico

grupo estava sendo ostensivamente observado e lhe desagradava enormemente a sensação de vulnerabilidade produzida por essa incômoda e desabusada objetificação do observador, fragilizado pelo assédio de olhares mais do que interessados, ávidos por alcançarem os dólares ou euros que eventualmente trouxesse na algibeira.

Todos se relembram de seu mal-estar durante essa noite no lupanar carioca, ressentido em sua viagem ao passar por lugares nos quais “não se sentia em seu lugar”, com dificuldade para compreender os limites da pobreza e da insegurança, diante do medo de incomodar e do embaraço de quem penetra em um território aonde não foi convidado e, portanto, ignora seus códigos.

Contrariando as expectativas de Isaac, ansioso por sair dali diretamente para um botequim da Lapa, o grupo mais uma vez percorreu toda a insólita galeria em “U”, antes de deixar para trás a *Vila Mimosa*. Na saída, a viatura e os policiais ostensivamente armados da Divisão de Entorpecentes, que pouco antes causara sobressalto aos recém-chegados, não mais se encontravam. Não obstante, a presença incontornável do proverbial *gentleman*, em mangas de camisa, não poderia ser evitada, pois, afinal, sobre esse guardião das fronteiras recaía a responsabilidade de se *débarrasser* dos visitantes com elegante firmeza e propriedade. Logo providenciou dois táxis para a antropóloga e seus amigos, não sem antes fazer pequenos reparos a propósito de sua ausência recente. Isaac, diante da cena, sugeriu a Soraya tratar o solícito segurança como um informante privilegiado, insistindo em observar que a organização espacial da *Vila* era, efetivamente, uma “organização defensiva”.

De volta à Lapa, acomodado em uma das confortáveis mesas do tradicional bar *Cosmopolita*, Isaac voltou ao assunto propiciado pela intrigante visita. E, voltando-se para Soraya, abraçou-a inesperada e carinhosamente, felicitando-a pela coragem. Com essa felicitação pretendia muito mais do que um delicado agradecimento; com o correr da conversa, só mais tarde viria a atenção da estudante voltar-se para a transposição perigosa das fronteiras e para as implicações que têm o manejo adequado e pertinente do ofício, na complexa arte da navegação social. Ao mesmo tempo, fazia refletir sobre as atitudes dos neófitos no campo, marcadas pelo “encantamento participativo”, essa espécie de “doença infantil do etnógrafo”, na expressão cunhada por seu colega brasileiro. Não se tratava, pois, de coragem; muito menos de ingenui-

dade; mas, ao contrário, de um certo estilo de cognição urbana, uma indiferença estudada (*blasé*), desde muito cedo adquirida e internalizada pelo morador da grande cidade; talvez, por isso mesmo, traduzida em reificações e anestesiadas insensibilidades dificilmente explicitadas, quando da frequência às distintas regiões morais da metrópole.

O *Cosmopolita*, a pedido do próprio sociólogo, foi um dos muitos bares e restaurantes que Paulo Thiago, companheiro de deambulações do casal, apresentou a Isaac Joseph:

Levei-o a botequins tradicionais da cidade, onde ele e Carole puderam saborear uma pequena mostra da gastronomia carioca, feita do encontro de diversas levas de migrantes e de estrangeiros que, no Rio, ganhou sua feição definitiva, transformando-se em pratos típicos locais. Pôde também frequentar as ambiências dessas casas especiais, com sua arquitetura singular, usufruindo a atmosfera de boemia dessa metrópole sul-americana do litoral.

O estrangeiro de dentro

Em suas *Reminiscências Líricas de um Perfeito Carioca*, o pintor modernista Di Cavalcanti, amigo de Picasso e Georges Braque, mergulhado na paisagem urbana da cidade que tanto amou e retratou nas suas telas espalhadas pelos salões e galerias das grandes metrópoles, convidando o estrangeiro a percorrer as ruas da Lapa, o casario de Santa Teresa e as praias da ilha de Paquetá, sentenciou:

O Rio de Janeiro tem coisas de que é impossível qualquer pessoa se desligar [...]. Qualquer estrangeiro se torna carioca em pouco tempo. O Rio de Janeiro exerce o milagre da esperança e todos que aqui vivem ressuscitam de hora em hora, sentindo na boca o gosto salgado de um novo batismo.¹⁵

E assim se deu o aquerenciamento e a sagração de Isaac Joseph, adotado plenamente pela cidade numa manhã ensolarada, na ponta do Arpoador. Foi arrebatado no rápido intervalo de um banho de mar por uma experiência radical que lhe infundiria, de modo definitivo,

¹⁵ Di Cavalcanti (1964).

as marcas inclusivas da vida vertiginosa da metrópole, sob a forma de um verdadeiro rito de agregação do qual não estavam ausentes a surpresa, a súbita consciência de si e a vulnerabilidade suscitada por um sutil e anônimo gesto, de custos e consequências inesperadas.

Inesperadas porque, de todas as suas andanças pelo Brasil, esse foi o único momento em que se viu confrontado com o *furto*, esse fantasma urbano da , palavra de difícil tradução, e, no entanto, declinada, sem nenhuma cerimônia, no repertório das práticas banalizadas pela experiência cotidiana de homens e mulheres, velhos e crianças, no vaivem das grandes metrópoles do mundo inteiro, seja nos baixios do Marais, no metrô de Paris, nos arrabaldes do Cairo ou nas glamurosas e cosmopolitas areias de Ipanema. O tributo pago na ocasião ao *malin génie* da cidade, esse insolente, pelo obsequioso, embora não demandado, exercício de *expertise* ritual dessa mais lúdica “arte da desapareição”, foi um prosaico relógio , de valor sentimental, sem dúvida; mas perdido em poucos segundos de momentâneo descuido, numa espécie de “batismo de fogo” do sociólogo.

Isaac, entretanto, experienciou o fugidio episódio como um cúmplice, dissimulando-o com estudada e competente naturalidade, sem alardes ou ressentimentos, como se assim quisesse retribuir e preservar a própria discreção do ato furtivo, mantendo na penumbra, e longe da intervenção de qualquer procedimento de uma instância heterônoma, o *genius loci* da cidade que fraternalmente o acolheu de braços abertos.

Talvez tenha sido este o seu maior e derradeiro ensinamento, sua maior lição de urbanidade; pois nela está gravada em filigrana toda a singeleza dos ritos de hospitalidade e reciprocidade, prova de sua refinada competência cidadina e de sua adesão ao do lugar e de sua gente.

Por ocasião do súbito falecimento de Isaac Joseph, Marco Antonio Mello escreveu com grande comoção as seguintes palavras sobre seu amigo, para quem dirigia um *e-mail* quando soube da triste notícia:

Em 10 de Fevereiro de 2004, todos nós infelizmente perdemos um grande e apaixonante colega e amigo: um grande cara, ora! E todos nós tivemos a chance de estar ao seu lado, aqui ou acolá. Ele reuniu a nós todos! Ele falou sobre cada um de nós para cada um de nós. E de todos nós a todos aqueles que cruzaram seu caminho,

para convencê-los a irem juntos se reunir um dia, aqui ou acolá. Ele gostava muito e apaixonadamente de seus colegas, seus amigos e amigas, pois, como todos sabemos bem, Isaac amava a vida e a cidade. Fomos todos convidados por ele a “tomar lugar”. Isaac nos legou toda uma imensa rede de relações, narrativas de viagens, e assim, enormes possibilidades de engajamento conversacional: estamos totalmente “entretidos em histórias” que, de certa maneira, – e imaginamos ter certeza disso – é somente sua memória, a memória do nosso amigo, que irá nos permitir nos recordar um pouco mais de nós mesmos.¹⁶

REFERÊNCIAS

CEFAÏ, D.; JOSEPH, I. (Coord.). *L'héritage du pragmatisme: conflits d'urbanité et épreuves de civisme*. Paris: L'Aube, 2002.

DI CAVALCANTI, E. *Reminiscências líricas de um perfeito carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

GRAFMEYER, Y.; JOSEPH, I (Dir.). *L'Ecole de Chicago: naissance de l'écologie urbaine*. Paris: Aubier, 1984.

JOSEPH, I. A respeito do bom uso da Escola de Chicago. In: VALLADARES, L. (Org.). *A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Ed. UFRG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

JOSEPH, I. Belém: paisagens urbanas, coisas públicas. *In memoriam Isaac Joseph*, Rio de Janeiro, v. 18, v. 1 e 2, p. 41-90, 2004.

¹⁶ “Le 10 février 2004, nous avons tous malheureusement perdu un grand et passionnant collègue et ami: un grand mec, quoi! Et nous avons tous eu de la chance d’être à ses côtés, ici ou là-bas. Il nous a tous réunis! Il a parlé de chacun de nous à chacun de nous. Et de nous tous à tous ceux qu’il croisait sur sa route pour tous les convaincre d’aller ensemble se rejoindre un jour, ici ou là-bas. Il aimait beaucoup et passionnément ses collègues, ses amis et amies, car, comme nous le savons bien tous, Isaac aimait la vie et la ville. Il nous a tous invités à “prendre place”. Isaac nous a légué un immense réseau de relations, des récits de voyages, et donc d’immenses possibilités d’engagement conversationnel: nous sommes tellement “empêtrés dans des histoires” que d’une certaine manière, et on imagine pouvoir être sûr de ça, c’est seulement sa mémoire, la mémoire de notre ami, qui va nous permettre de nous rappeler un peu de nous-mêmes.” (Trecho de e-mail enviado em 14/02/2004).

JOSEPH, I. Gabriel Tarde: le monde comme féerie. *Revista Antropológica*, Niterói, n. 8, p. 23-40, 1. sem. 2000.

MELLO, M. A. S. et al. *Quando a rua vira casa*. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985.

VALLADARES, L.; KANT DE LIMA, R. A Escola de Chicago: entrevista com Isaac Joseph. BIB: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 49, p. 3-13, 1. sem. 2000.

VOGEL, A.; MELLO, M. A. S.; PESSOA DE BARROS, J. F. *A Galinha d'Angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.